

Copom mantém juro e culpa volatilidade

Alegando prudência, BC interrompe queda da Selic; para mercado, foi o reconhecimento da crise

O Banco Central (BC) decidiu ontem interromper a sequência de queda das taxas de juros básicas, alegando que, "dada a volatilidade recente, é recomendável que a autoridade monetária atue de forma prudente". Como na reunião de março, em que voltou a reduzir os juros depois de dois meses de espera, nesta reunião o comitê ficou dividido. Seis membros votaram pela manutenção e três por um corte de 0,25 ponto percentual. A duração do debate refletiu a dificuldade da decisão: a reunião de ontem demorou 3h10, mais que o dobro do encontro de abril, mas menos que o de março, de 4h10.

Na prática, ao manter os juros em 16% ao ano, o BC admite a gravidade das turbulências recentes nos mercados financeiros e o risco que elas representam para a economia brasileira, dizem especialistas. "O BC está admitindo a crise e a crise existe mesmo", diz o professor de mercado financeiro da Faap, Carlos Ayres.

"Foi uma decisão conservadora, mas muito responsável", acrescentou, ressaltando que a Petrobrás uma hora terá de fazer um forte reajuste nos preços dos combustíveis por causa da alta internacional do petróleo, cuja cotação supera US\$ 41 e é a maior em 20 anos. "É melhor reconhecer que a situação não é boa do que cortar os juros agora apenas para dar um sinal psicológico e comprometer reduções futuras que poderiam ter um impacto mais concreto na economia."

Além disso, diz Ayres, um dos principais fatores a influenciar a decisão do Comitê de Política Monetária do BC deve ter sido a dificuldade do Tesouro em rolar sua dívida nas últimas semanas. "Se o BC baixa a remuneração dos títulos públicos, terá ainda mais dificuldade para rolar a dívida." Isso estimularia investidores a aplicar no dólar, que, em apenas 15 dias, subiu de R\$ 3 para R\$ 3,134.

Para compensar o balde de água fria que a decisão de ontem representa para a ainda tímida recuperação da economia, a Caixa Econômica Federal anunciou ontem à noite que vai baixar seus juros assim mesmo. "As novas taxas, que entram em vigor já amanhã (hoje), passam a variar de 4,49% a 5,49% ao mês, dependendo do prazo", diz o comunicado do banco estatal, que trabalhava com juros de 5,59% ao mês em todas as operações do crédito direto ao consumidor.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horacio Laffer Piva, disse que a medida deve causar nova deterioração nas expectativas de investidores e consumidores. "A postura cautelosa do BC só reforça a percepção de que, para o governo e nas condições atuais, não podemos crescer muito mais de 3% ao ano", disse Piva. "Se o sinal é este, por que nós, empresários, devemos acreditar que o espetáculo do crescimento estaria à vista?"

Para o economista-chefe do Bradesco, Octavio de Barros, que defendia uma queda de 0,25 ponto, pelo menos o BC emitiu um comunicado reafirmando perspectivas favoráveis para a economia. "Na avaliação do Copom, o cenário para a evolução da economia brasileira nos próximos meses combina a continuidade da retomada da atividade observada desde a segunda metade de 2003 com a convergência da inflação para a trajetória das metas", diz a nota do BC. (Priscilla Murphy, Gustavo Freire e Marcelo Rehder)

